

CAHEN, Michel; SILVA, Cristina Nogueira da; e XAVIER, Ângela Barreto (eds.) (2024). *Slave Subjectivities in the Iberian Worlds (16th-20th centuries)*. Leiden, Boston: Brill, 322 pp., ISBN: 978-90-04-68715-8.

Publicado no início do ano de 2024, o décimo quinto volume da série “Studies in Global Slavery”, *Slave Subjectivities in the Iberian Worlds (16th-20th centuries)*, é fascinante desde o título. Contando com 14 capítulos, a obra coletiva, escrita a partir das comunicações apresentadas no colóquio internacional “Subjetividades escravas nos mundos ibéricos”, propõe-se a enquadrar a Península Ibérica e os seus territórios ultramarinos na História Global da Escravidão e a compreender este fenómeno a partir do olhar das pessoas escravizadas.

A inclusão do que os editores do livro definiram por “mundos ibéricos” na História da Escravidão não é inédita. Em termos historiográficos, a participação dos portugueses e dos espanhóis no tráfico transatlântico de escravizados é uma realidade consolidada. O Brasil destaca-se pelos estudos no campo da escravatura e, mesmo dentro da coleção que integra, a publicação não é a única a tratar do assunto da escravidão em territórios ibéricos. A originalidade da proposta e, conseqüentemente, de cada um dos textos do volume, está no estudo das subjetividades. A ambição dos autores e editores é reconstituir, mediante a análise das fontes ibéricas e sob uma diversidade marcante de abordagens, a visão que os escravizados tinham de si, dos outros e do próprio sistema escravagista, que não só integraram forçadamente, como vivenciaram diretamente.

O principal problema que os autores enfrentam é logo exposto no prólogo. Este é um problema de fontes. Afinal, as fontes disponíveis para o estudo da escravidão no mundo ibérico foram, na sua maioria, produzidas por senhores de escravizados e por autoridades seculares e religiosas, dificultando o acesso às subjetividades das pessoas escravizadas. Conseqüentemente, o livro aponta para novas formas de análise documental, focadas na compreensão da consciência, dos desejos e, também, da capacidade de agência dos escravizados.

No entanto, importa lembrar que o trabalho dos autores se apoia em correntes já muito bem desenvolvidas, como a *History from below*, a Micro-História, as Histórias das Mulheres e do Género e a História das Mentalidades, e que o potencial de muitas das fontes selecionadas para o estudo da escravidão, como processos da Inquisição, petições a tribunais e documentação

produzida pelas confrarias de negros, já foi reconhecido. A obra vai mais no sentido de reforçar e divulgar as fontes disponíveis e as novas maneiras de lê-las, criadas por uma História da Escravidão que tem vindo, há já algum tempo, a recusar a lógica quantitativa e comercial a favor do estudo das vidas dos escravizados. Além disso, o estudo das subjetividades dos escravizados não deixa de ser bastante original, além de muito relevante. Entre os objetivos do livro, destaca-se, precisamente, a necessidade de superar as dificuldades metodológicas e acessar a voz das pessoas que foram escravizadas no mundo ibérico, um desafio que, apesar dos contributos anteriores, ainda não foi ultrapassado.

Os objetivos da obra são perfeitamente localizados na introdução, que, assim como o prólogo, enriquece a leitura dos capítulos a partir de reflexões teóricas, indispensáveis na compreensão do atual estado da historiografia sobre a escravidão. Resta saber se os objetivos propostos foram cumpridos.

A primeira parte trata das subjetividades dos escravizados na Ásia. Tomando por base não o continente asiático, mas as vidas e trajetórias de escravizados de origem asiática, os autores constroem três capítulos muito diferentes, tanto em termos de fontes e metodologia quanto de objetivos e conclusões, ainda que sempre sob a alçada das subjetividades. São abordados temas que vão desde a construção étnica e identitária dos asiáticos nos mundos ibéricos às interpretações, mediante o encontro de culturas, que alguns escravizados asiáticos tiraram do sistema escravagista europeu, do qual tentaram escapar ou ao qual se resignaram. Há uma proposta ambiciosa, subentendida em todos os três textos, mas explicitada como o principal objetivo do terceiro, de compreender, de forma geral, quem foram aquelas pessoas a partir do modo como elas próprias se viam, esforço que se repete, também, noutras partes do livro.

Além disso, se o cenário das Américas, da África e do tráfico transatlântico de escravizados africanos é uma construção sólida no campo da História da Escravidão, o caso asiático ainda não foi muito estudado. Os próprios editores assumem que procuravam, para a obra, trabalhos que tratassem de realidades novas, menos exploradas historicamente, e a primeira parte do livro é uma excelente contribuição nesse sentido, não só pelas análises mais gerais, mas também a partir dos marcantes estudos de caso incluídos ao longo dos textos.

A segunda parte, composta por cinco capítulos, propõe-se a estudar as subjetividades dos escravizados nos contextos do trabalho e da religião, duas fortes componentes da vida moderna e contemporânea. A partir daqui, os estudos incidem sobre os escravizados de origem e ascendência africana e a sua

interpretação da escravatura. São analisadas as confrarias de negros, os escravizados donos de escravos, os arquétipos de género impostos às populações escravizadas e as expressões de luto e revolta face à morte e à imposição de uma vida em escravidão. Também surgem, daqui para a frente, algumas biografias e capítulos de carácter micro-histórico, circunscritos a casos específicos e ao seu significado a nível global, configurando um grande acerto metodológico no estudo das subjetividades. Destacam-se, ainda que a segunda parte do livro não tenha como objetivo último tratar de movimentos de emancipação propriamente ditos, os estudos sobre a subversão da lógica escravagista e da identidade de “escravo”, desafiada, de uma miríade de maneiras diferentes, algumas já trabalhadas no caso asiático, pelos próprios escravizados, e o estudo de uma cultura nascida da diáspora, temas que se estendem, e muito bem, para a terceira parte.

Nos últimos seis capítulos, a emancipação dos escravizados é o tema central, tanto por meio do estudo de revoltas, como a liderada por Zumbi dos Palmares, no século XVII, e de guerrilhas operadas por trabalhadores de São Tomé, no século XX, quanto por meio da análise de negociações e de embates judiciais, de que são exemplo os casos de Gana Zumba, antecessor de Zumbi, do capitão Henrique Dias, do Regimento dos Pretos, das irmandades de Lisboa e de Nazarí, Francisca Sebastiana e María Maza, mulheres completamente excluídas de qualquer posição de poder tradicional. Nesta parte, chamam a atenção não só as questões levantadas em relação às emoções e à componente racial da escravatura, especialmente no pós-facto e nos dois últimos capítulos, ambos circunscritos aos séculos XIX e XX, mas também as diferentes ações e interpretações das pessoas escravizadas sobre a sua própria condição, que incluem não só fugas e lutas, como negociações, apelações, aceitação e até movimentos de suicídio coletivo. A prática de recorrer ao tribunal e às autoridades, por exemplo, também é um dos destaques dessa parte e do livro, e representa uma face importante da experiência dos escravizados no mundo ibérico e das suas tentativas de, no mínimo, contornar sua condição de escravidão.

Slave Subjectivities in the Iberian Worlds é um livro historiograficamente atual, original, e extremamente interessante. O estudo das subjetividades é um campo impressionante, mas muito delicado, em que um autor menos atento pode perder-se com facilidade em suposições e em anacronismos. Pior ainda, num contexto em que muito se fala em agência, as subjetividades, muitas vezes lidas, nas fontes ibéricas, nas entrelinhas das ações, acabam esquecidas ao longo do texto. Enquanto isso, ao propor analisar subjetividades, o livro não perde nem seu foco, nem o rigor histórico, cumprindo com os

objetivos expostos no início, ainda que as subjetividades analisadas fiquem mais evidentes em alguns capítulos.

Não obstante o exposto, fica ao leitor a sensação de que o tema segue em aberto para novos estudos. Há também algumas pequenas faltas que importa assinalar. Numa obra cuja proposta consiste em procurar novas realidades sobre o tema da escravidão e encaixá-las num panorama global, certamente que os indígenas americanos merecem mais que a aparição como personagens secundários numa ou noutra história de escravizados de origem e ascendência africana e asiática. O estudo da escravidão ameríndia, especialmente sob a vertente das subjetividades, é um campo com muitas e inúmeras dificuldades, mas com ainda mais lacunas por preencher. Seria expectável que esta obra viesse preencher algumas.

Cumpre ainda referir a impossibilidade de se ler um livro desta importância na língua nativa de boa parte dos seus autores. Por mais que a publicação em língua inglesa seja compreensível, considerando os paradigmas que dominam hoje o panorama científico internacional, relativos sobretudo à necessidade de internacionalização da produção académica, é uma pena que a nossa historiografia tenha de se render a outro idioma para obter o reconhecimento que merece.

Resta reconhecer, por fim, que este livro merece todo o reconhecimento possível. Na minha ótica, o livro permite ao leitor romper com a desumanização característica das primeiras fases da História da Escravidão, uma vez que trata das consciências e atitudes de pessoas complexas, exercício imensuravelmente útil para aqueles que, como eu, não querem cometer o erro de contar a História da Escravidão de maneira impessoal, ignorando não só a capacidade de agência, mas, especialmente, as subjetividades dos escravizados.

JÚLIA RESENDE DE PAOLI

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

julia.depaoli.uni@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-1064-6941>

